



## A nostalgia no consumo de imagens em páginas de memória no Facebook

Thiago Mendes de OLIVEIRA<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho se debruça em imaginários sobre nostalgia nas fan pages Fortaleza Nobre e O Rio de Janeiro que não vivi, no site de rede social Facebook. Partindo do desdobramento de uma parte da pesquisa de mestrado, investigam-se os significados do consumo de imagens antigas e os sentidos evocados pelos sujeitos comentadores em discursos que remetem à nostalgia. Para tal abordagem, adota-se como metodologia de pesquisa a etnografia em meios digitais aliada às contribuições teóricas da hermenêutica, a partir da abordagem ricoeuriana de “texto”. Observa-se, assim, que o consumo de imagens antigas nas páginas postas em destaque ocorre entre um espaço ambíguo e misto de temporalidades, em que se expressam rugosidades (SANTOS, 2008) no ciberespaço.

### Palavras-chave:

Memória; nostalgia; consumo; Facebook.

## The nostalgia in the consumption of images on Facebook's fan pages about memory

117

### Abstract

This paper focuses on imaginary of nostalgia on the fan pages Fortaleza Nobre and O Rio de Janeiro que não vivi, both based on networking site Facebook. It is a piece of a whole master research in which it is investigated the meanings of consumption of old images and the meanings evoked by people who comment on these virtual communities in speeches that refer to nostalgia. For such an approach, is adopted as a research methodology ethnography in digital media combined with the theoretical contributions of hermeneutics, from the ricoeurian approach of “text”. It is observed the consumption of old images in those fan pages occurs between an ambiguous and mixed space of temporality, in which rugosidades (SANTOS, 2008) are expressed in cyberspace.

### Keywords:

Memory; nostalgia; consumption; Facebook.

## La nostalgia en el consumo de imágenes en las páginas de memoria en Facebook

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador do Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (LACON), vinculado à Faculdade de Comunicação da UERJ.





## Resumen

Este artículo se centra en imaginarios acerca de nostalgia en las fan pages Fortaleza Nobre y Rio de Janeiro que não vivi en el sitio de red social Facebook. Desde el despliegue de una parte de la investigación de maestría, se han investigado los significados de consumo de imágenes antiguas y sentidos evocados por los comentaristas en los discursos que hacen referencia a la nostalgia. Para este enfoque, se adopta como metodología de investigación la etnografía en medios digitales, combinados con las aportaciones teóricas de la hermenéutica, desde el enfoque ricoeuriano de “texto”. Se observa, así, que el consumo de imágenes antiguas en las fan pages investigadas se produce entre un espacio ambiguo y mezclado de temporalidades, en la que se expresan “rugosidades” (Santos, 2008) en el ciberespacio.

### Palabras clave:

Memória; nostalgia; consumo; Facebook.

## Introdução

Onde quer que exista conexão com internet banda larga, nós, os conectados, submetemo-nos, com frequência muitas vezes diária, a um turbilhão acumulativo de textos, imagens e vídeos que nos contam sobre o mundo, sobre o que fizeram os mais próximos e até sobre o cotidiano de quem nunca ouvimos falar. Há em comum entre tantos anseios uma necessidade de saber sobre o novo, sobre a novidade: uma “sede de presente”.

Nem tudo, porém, diz respeito ao último segundo do noticiário ou da atualização das *timelines* dos amigos de redes sociais *on-line* em nossa era de modelos rizomáticos de comunicação. Quem se recorda de outros tempos e lamenta como “hoje está tudo tão diferente” encontra em diversas comunidades virtuais um importante ponto de troca de afetos. Essa gente se encontra para relatar “viagens no tempo”, mediados por computadores e dispositivos móveis, para falar de inquietações com um novo que “sempre vem”, como diz uma canção de Belchior.

A partir do estudo desenvolvido na dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2015) com as páginas *Fortaleza Nobre*, de Fortaleza, e *O Rio de Janeiro que não vivi*, do Rio de Janeiro, foi possível notar como a nostalgia e a sensação de aceleração temporal caminham lado a lado nos espaços de sociabilidade<sup>2</sup>.

Os comentários deixados em postagens públicas dessas comunidades se constituem em verdadeiros rastros e restos de uma escrita rápida e fragmentada, sem papel nem tinta, em que os sujeitos se expõem cotidianamente aos medos de

<sup>2</sup> Partindo de uma abordagem distinta, Rabello (2015, p. 113) chega a conclusão parecida. Em sua análise de *posts* na dissertação de mestrado, os comentários “saudosistas” dominam, seguidos daqueles de caráter “informativo” (dados como localização, data, nomes de personagens, etc.) e “crítico”, “que revela o desprezo dos membros pela não preservação do patrimônio arquitetônico”.





apagamento da memória, como técnica de ordenamento da vida, e temores de esquecimento, da memória como tema de sociabilidade nas comunidades<sup>3</sup>. Nos grupos estudados, os sujeitos remetem constantemente a uma experiência vivida, adormecida, à primeira vista, mas trazida de volta pela fotografia, representação que ressuscita fantasmas.

Os comentários falam, sobretudo, de saudades de um tempo experimentado, contado ou simplesmente sonhado a partir do ato de perambular por entre fotos antigas no ambiente virtual. “Curtir”, comentar e compartilhar imagens – novas ou antigas – no Facebook são, dessa forma, atos de uma mesma astúcia diária de consumo virtual em que o tempo joga um papel essencial, afinal, como alerta Bauman (2008, p. 124), “a vida de consumo não pode ser outra coisa senão uma vida de aprendizado rápido, mas também precisa ser uma vida de esquecimento veloz”. A lógica do consumo de imagens nas redes sociais opera, assim, em caminho análogo ao da vida *off-line*, como se pode notar nos comentários dos interagentes das duas páginas, reunidos a partir de postagens feitas em períodos diversos.

*Interagente 1. SAUDADES!!! MUITOS ANOS VIVI NAS IMEDIAÇÕES DO GRUPO ESCOLAR. MOREI MUITO TEMPO NESSE BAIRRO. MINHA INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JÁ ENTRANDO NA IDADE ADULTA. VELHOS TEMPOS QUE NÃO VOLTAM NUNCA MAIS. [...]*

*Interagente 2. Novenas, quermesses, leilões, primeiras sextas-feiras, festivais na Cidade da Criança. Roberto Carlos em início de Carreira. Em torno dessa Igreja estão as melhores lembranças de minha infância e adolescência. [...]*

(FAN PAGE FORTALEZA NOBRE. Comentários de interagentes, 2013).

*Interagente 3. Ah! Cheguei a ver isso quando era criança ... era um Centro mais humano, e gostoso pra se andar; às vezes sonho ainda que estou passeando nesse Largo da Carioca romântico, que existiu até meados dos anos 60 ... [...]*

*Interagente 4. saudades de uma época que não vivi!*

(FAN PAGE O RIO DE JANEIRO QUE VIVI. Comentários de interagentes, 2014).

Identificando nas páginas estudadas a expressão desse “desejo de passado” em forma de discursos de saudades, questiona-se especificamente, neste artigo, quais os

---

<sup>3</sup> Tais conclusões se baseiam nos resultados da pesquisa de mestrado, no confronto entre o objeto empírico e as considerações de Ricoeur (2001, 2007), Chartier (2007) e Farge (2003).



significados do consumo de nostalgia em páginas de memória no Facebook e quais os sentidos evocados pelos sujeitos nostálgicos. Não se pretende responder totalmente a tais questionamentos, mas, antes disso, embrenhar-se nessa discussão, à luz do objeto em estudo e de contribuições de autores como Huyssen (2000) e Boym (2007). Buscasse, assim, entender *o que dão a ler* essa “musealização do mundo” essa utopia de uma “recordação total” na atualidade, em que há um “impacto potencial da nova mídia sobre a percepção e a temporalidade” (HUYSSSEN, 2000, p. 26).

Huyssen (2000, p. 14-15) identifica a partir dos anos 1970 o crescimento da “comercialização em massa da nostalgia”, cujos resultados se fazem notar, na Europa e nos Estados Unidos, na “restauração historicizante de velhos centros urbanos” e no interesse por canais como *History Channel* e até mesmo na bilheteria do filme *Titanic*. No Brasil, concordamos com Pereira e Da Mata (2012, p. 24), para os quais “é no mínimo inusitado falarmos de excesso de memória”. O contexto de que fala Huyssen (2000) é de países que ainda tentam se reconciliar com temas como o Holocausto. Por aqui, sem medo de generalizações precipitadas, a atuação da Comissão da Anistia e da Comissão Nacional da Verdade, para ficarmos em um único exemplo, passa ao largo das discussões públicas de impacto no cotidiano da maioria dos brasileiros<sup>4</sup>.

Nosso interesse, porém, volta-se para um outro tipo de memória: uma discussão sobre a apropriação de temas do passado envolvendo embates menos raivosos que holocaustos e ditaduras. É a memória expressa no consumo de imagens antigas, situada em um terreno mais amplo de um interesse mercadológico por temas memoriais e históricos.

Nesse sentido, ressalte-se o destaque de vendas de biografias como *Getúlio*, de Lira Neto, e da trilogia *1808, 1822 e 1889*, do jornalista Laurentino Gomes, além do *frisson* causado entre espectadores de canais por assinatura das reprises de telenovelas no canal *Viva*, do grupo Globo. Sem mencionar o sucesso de audiências de telenovelas de época como *Terra Nostra*, e *Lado a Lado*. Talvez seja próprio arrematar, assim, que “o passado atrai mais do que a história” (PEREIRA; DA MATTA, 2012, p. 23)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> É sintomático, nesse sentido, como a ausência de uma justiça de transição efetiva no período pós-ditadura civil-militar pôde ter redundado em repercussões monstruosas como aquelas em que grupos de manifestantes apontaram a intervenção militar como solução para a crise política no bojo do processo de impedimento da presidenta da República. Não se conseguiu, no Brasil, criar uma narrativa de consenso que condene as práticas de tortura e antidemocráticas do período.

<sup>5</sup> Pensando em termos de uma nostalgia mais jovem, são dignas de nota as filas intermináveis para a exposição *Castelo Rá-Tim-Bum*, em São Paulo, que reconstituiu cenários e figurinos do programa televisivo homônimo que foi ao ar na TV Cultura. Quem poderia prever também, com o ocaso da extinta banda de “axé music” *É o Tchan*, o boom de popularidade de “Cumpade” Washington, vocalista do grupo, autor de bordões multiplicados em memes de internet e propagandas? No campo da moda e da música, o terreno atual da nostalgia é inesgotável, vide a venda

### A nostalgia em práticas de consumo em ferramentas de redes sociais

Embora aqui seja esquadrinhada a experiência dos sujeitos com as narrativas sobre a memória social ligadas a cidades, há que se observar o fenômeno sob uma perspectiva mais ampla: o interesse dos usuários das redes sociais digitais por temas mais gerais do passado, inclusive no que diz respeito a produtos da indústria cultural<sup>6</sup>. McLuhan (2007, p. 72) ensina como os *media* estabelecem relações entre si, interpenetram-se, um encontro denominado por ele como “híbrido”. Foi assim que o rádio alterou as notícias no jornal impresso, e a televisão provocou mudanças na programação radiofônica.

Tal efeito se faz sentir entre os diversos *sites* de redes sociais, que estabelecem novas formas de compartilhamento, mas geralmente fazendo alusão a um anterior. A rede social Orkut é lembrada por usuários do Twitter (por meio da *hashtag* #TemposdoOrkut), em *posts* irônicos de frases e práticas da rede social dos *scraps*. No Facebook existe o costume de se mudar a foto do perfil por uma foto do período da infância ou do super-herói favorito em datas como o Dia das Crianças. No Instagram, principalmente em seus primeiros usos, difundiu-se a utilização de filtros *retrôs* para as imagens postadas. Também nessa rede social e no Twitter, alguns usuários utilizam a *hashtag* #TBT (Throwback Thursday), algo como “de volta à quinta-feira”, para compartilhar semanalmente, nesse dia, fotos de períodos anteriores da vida, tais como registros no tempo da escola. Isso sem contar as centenas de milhares de seguidores de páginas no Facebook, como *Coisa Velha* e *Imagens Históricas* e os milhões de fãs do *Canal Nostalgia*<sup>7</sup>.

Boym (2007, p. 10, tradução livre) sustenta que há uma “epidemia global de nostalgia” em contraponto à “nossa fascinação com o ciberespaço e à aldeia global

---

recorde de LPs registrada no Brasil, EUA e Inglaterra.

<sup>6</sup>A tentativa de relacionar a experiência sensível dos sujeitos das *fan pages* com um sentimento maior de nostalgia busca seguir o ensinamento metodológico de Mafessoli (2007, p. 216, grifo do autor) sobre a *amplificação*, ou seja, “o estabelecimento de uma consonância com fenômenos culturais, mitos e imaginários os mais múltiplos possíveis”.

<sup>7</sup>A nostalgia aparece como elemento importante não apenas em páginas que remetem diretamente ao passado. Pensemos, por exemplo, no sucesso recente do fenômeno *Carreta Furacão*, em que personagens antigos de desenhos animados aparecem dançando de modo engraçado. Voltando ao Facebook, memes como a *fan page Gina Indelicada* surgiram a partir da foto de uma moça presente em uma tradicional marca de palitos de dentes. Fazem sucesso páginas como *Conselhos do He-Man*, *Chapolin Sincero* e *Baby o Pegador*, baseadas em personagens televisivos de grande popularidade no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. A página *Suricate Seboso*, de humor regional cearense, também arregimenta seguidores com temas do passado. Na rede social Tumblr, surgiu uma página brasileira chamada *Que Vibe*, que reúne fotos de anotações pessoais curiosas de crianças e adolescentes das décadas de 1980 e 1990 deixadas em cadernos, diários, agendas, entre outros escritos.

virtual”. Talvez seja lícito visualizar nos dias correntes a ascensão de uma espécie de “estrutura de sentimento”<sup>8</sup> (WILLIAMS, 1979, p. 130-137) nostálgica em relação a um passado cada vez mais próximo. Muito além da verificação de tal epidemia e se ela se configura, nas páginas estudadas, em verdadeira ou falsa, “fetichismo” ou simulacro, parece-nos mais importante tentar entender os significados desse interesse contemporâneo pelo antigo, até porque, como alerta Maffesoli (2006, p. 187, grifo do autor), “o simulacro reinveste a antiga função do totem em torno do qual a comunidade se agrega”. Ou seja, o uso e o abuso das imagens nostálgicas, mesmo manifestados em modos caricatos, é “um testemunho de uma busca da felicidade a partir da *forma*”.

Em outras palavras, para efeitos da investigação, como alerta Huysen (2014, p. 94), “é difícil discernir entre o lamento sentimental de uma perda e a reivindicação crítica de um passado, com o propósito de construir futuros alternativos”.

### O consumo nostálgico de imagens sobre cidades

Lançar um olhar na direção das redes, entendidas como *loci* integrantes da nossa experiência cotidiana, é vasculhar, assim, entre vestígios explicativos da nostalgia na cidade contemporânea, é identificar um “sintoma da nossa era, uma emoção histórica” (BOYM, 2007, p. 8), conforme se pode constatar nos seguintes comentários reunidos a partir de três postagens na página *Fortaleza Nobre*<sup>9</sup>.

*Interagente 5.* Antigamente... eu adoro o antigamente... Lauro, você teria gostado de ver tamanha beleza e sobriedade. Amo muito o ontem, o hoje precisava ir mais devagar...

*Interagente 6.* Gozado!! andávamos sem culpa e sem medo, era bom [d]e mais, hoje já não expira essa paz andar por ai...

*Interagente 7.* BONS TEMPOS!! BELOS DIAS!!!

*Interagente 8.* Era bem mais bonita assim. Com várias, tinha mais árvores! Era muito bom, tranquilo sem maldade sem violê[n]cia, e de muita paz.

*Interagente 9.* Saudade que tenho, vc machuca com essas fotos antigas, só lembranças.

<sup>8</sup> Williams (1979, p. 136) utiliza-se de uma metáfora química para definir “estrutura de sentimento”. Trata-se, segundo ele, de “experiências sociais *em solução*, distintas de outras formações semânticas sociais que foram *precipitadas* e existem de forma mais evidente e imediata”.

<sup>9</sup> Os comentários aqui reunidos são de duas postagens de cartões-postais da orla de Fortaleza e outra cuja legenda proposta pela editora é: “Estamos na rua Major Facundo, esquina da Guilherme Rocha. Década de 40”. O termo “topic” designa, em Fortaleza, os veículos do tipo “van”.



*Interagente 10.* Maravilhaaaaaaaaaaaa! Nenhuma topic... Fantástico!! Quero voltar no tempo!

(FAN PAGE FORTALEZA NOBRE. Comentários de interagentes, 2013).

Os comentários das *fan pages* são indícios de como a nostalgia no Facebook se alicerça e retroalimenta o mesmo sentimento expresso no consumo *off-line*, no contraste com a vida caótica dos centros urbanos. Há nos comentários saudades a pedir freio no ritmo de agora, retorno de uma paz já esquecida, dias mais bonitos e até a lamentar dores magoadas pelas fotos antigas. Daí por que, portanto, *nostalgia*: palavra composta pelos termos gregos *nostos* (lar) e *algos* (dor)<sup>10</sup>. A etimologia remete, segundo Huyssen (2014, p. 91), à “irreversibilidade do tempo: algo do passado deixou de ser acessível”. No mesmo sentido, Boym (2007, p. 7, tradução livre) vai definir o termo como “um desejo (*longing*) por um lar que não mais existe ou nunca existiu”<sup>11</sup>.

A *cidade sensível* (PESAVENTO, 2007) desperta, pelas imagens, sentimentos sonâmbulos a vagar na direção de um sonho possível, de um anteparo “sem maldade”, lugar que nunca existiu. Essa utopia se localiza no “ontem”, no tempo que até pode ser revivido, mas jamais recuperado em sua totalidade, na cidade que Lauro (não se sabe quem é) “teria gostado de ver”. A nostalgia parece anuviar o horizonte projetado na vista desses sujeitos, tornando distinguível apenas o que ficou para trás.

Todavia, muito além do derrotismo, os comentários nostálgicos, em sua maioria, revelam enfado com a temporalidade atual e filiação aos tempos que as imagens fazem ver e lembrar. Registros como “Quero voltar no tempo!” e “o hoje precisava ir mais devagar...” são emblemáticos no sentido de uma identificação pelos comentadores de uma suposta aceleração do tempo corrente.

As discussões sobre a temporalidade e sobre uma suposta aceleração ou desaceleração do tempo na contemporaneidade são objetos da atenção de filósofos e historiadores. Um bom resumo do debate é apresentado por Pereira e Da Matta (2012, p. 9-30). Segundo os dois autores, Gumbrecht (2010) argumenta que o presente se dilata cada vez mais. Lübbe (2009) defende a tese oposta: o presente encolhe

<sup>10</sup> A etimologia é proposta por Huyssen (2014). Boym (2007) sugere outra, embora próxima: *nostos* (retorno ao lar) e *algia* (anseio, desejo, *longing*). A palavra inglesa *longing* pode ser traduzida, em alguns contextos, como *saudade*.

<sup>11</sup> Svetlana Boym, autora de *The Future of Nostalgia* (2001), aponta que a palavra nostalgia aparece primeiro no campo da medicina, como um tipo de doença, antes de adentrar os terrenos da poesia e da política.





proporcionalmente mais. Benz (1977) encontra tal origem da sensação de aceleração na ideia cristã de um tempo avançando inelutavelmente para um “fim”. Embora tenha reconhecido o caráter religioso do fenômeno, Koselleck (2003) ressaltou a importância de episódios como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial como condicionantes macro-históricos decisivos no processo. Koselleck põe em dúvida ser possível evidenciar empiricamente a aceleração. Daí porque fala de uma “experiência de aceleração”, mas não de uma aceleração da história. Lübbe, na esteira do pensamento de Koselleck, aponta o avanço da musealização, estendida a todas as áreas da vida cotidiana, e a preocupação crescente com o patrimônio como formas de compensação ante a nossa acelerada dinâmica civilizacional<sup>12</sup>.

Ora, nostalgia e sensação de aceleração temporal caminham lado a lado nos comentários das páginas. Textos, imagens, vídeos e demais conteúdos postados há poucos minutos se sucedem em um sem-fim de atualizações nas *timelines* das redes sociais digitais. Resta aos conectados buscar “refúgio” nas fotografias em preto e branco das cidades para “deitar olhos cansados” de tanto “presentismo”, ou seja, “um mundo em que o presente se impõe como o único horizonte, um presente onipotente e hipertrofiado”<sup>13</sup>

Maffesoli (2002) cunha neologismo parecido (*presenteísmo*) para descrever essa acentuação do presente na vida pós-moderna, marca, segundo ele, da transfiguração do político. Pode parecer paradoxal, mas também é possível explicar as manifestações desse “retorno às raízes”, expressos nos diversos exemplos elencados aqui, à luz do *presenteísmo*, uma vez que o aparente “retrocesso” encarna, na verdade, uma “sinergia” entre o velho e o novo, “uma forma de segurança, de gozo antecipado, que permite viver um presente eterno”. (MAFFESOLI, 2002, p. 183)

O hoje, para os sujeitos nostálgicos, “já não expira essa paz”, “já não é POSSÍVEL”... Não são raros, nesse sentido, “desabafos”, escritos por sujeitos de diversas idades, tais como: “Cada dia me convenço mais de que nasci na época errada...”<sup>14</sup>. A saudade dessas ruínas também evidencia a articulação entre as três estases

12 O resumo apresentado neste parágrafo se baseia na discussão feita por Pereira e Da Matta (2012, p. 9-30). As citações fazem referência às seguintes obras: GUMBRECHT, Hans Ulrich. El presente se dilata cada vez más. In: Lento presente. Madrid: Escolar y Mayo, 2010. LÜBBE, Hermann. Im Zug der Zeit. Berlin: Springer, 2003. BENZ, Ernst. Aceleração do tempo enquanto problema histórico e de história da salvação. (Conferência), 1977. KOSELLECK, Reinhart. Gibt es eine Beschleunigung der Geschichte? In: \_\_\_\_\_. Zeitschichten. Studien zur Historik. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.

13 A citação se encontra em Pereira e Da Matta (2012, p.19). A referência completa é HARTOG, François. Présentisme plein ou par défaut? In: **Régimes d'historicité**. Présentisme et expériences du temps. Paris, Seuil, 2012.

14 Comentário de interagente da *fan page O Rio de Janeiro que não vivi em um post de um bonde*.





do tempo<sup>15</sup>, pois, ao serem representadas em imagens, fazem lembrar que “elas ainda parecem encerrar uma promessa que desapareceu da nossa era: a promessa de um futuro alternativo” (HUYSSSEN, 2014, p. 93). Em caminho parecido segue a argumentação de Boym (2007, p. 12, tradução livre): “A nostalgia moderna é um luto pela impossibilidade do retorno mítico, pela perda de um ‘mundo encantado’ com fronteiras e valores claros”. A argumentação de Boym e Huyssen, à luz das *fan pages*, nos leva a questionar em que medida a nostalgia *on-line* contemporânea seria tributária dessa nostalgia moderna, quais as rupturas e as continuidades desse fenômeno social e histórico. Seriam os comentadores das *fan pages* sujeitos *rugosos*, no sentido geográfico dado por SANTOS (2008), a flunar por entre vias digitais?

Boym (2007) distingue dois tipos básicos de nostalgia: *restorative* e *reflective*. Embora a autora ressalte que as distinções entre elas não são absolutamente binárias, ela busca identificar as principais tendências e estruturas narrativas das duas tipologias, cujas diferenças buscamos resumir no Quadro 1.

Quadro 1 - Quadro comparativo entre “nostalgia restaurativa” e “nostalgia reflexiva”.

<b>Nostalgia restaurativa</b>	<b>Nostalgia reflexiva</b>
Toma a si própria muito a sério.	Pode ser irônica e bem humorada, inconclusa e fragmentária.
Acentua o <i>nostos</i> (lar).	Prospera no <i>algia</i> (o desejo em si).
Objetiva uma reconstrução trans-histórica do lar perdido.	Atrasa a volta para casa.
Pensa a si mesma como verdade e tradição.	Pensa na ambivalência do desejo e pertencimento humanos.
Protege a verdade absoluta.	Põe em dúvida a verdade absoluta.
Está no cerne dos recentes <i>revivals</i> nacionais e religiosos.	Está preocupada com o tempo histórico e individual, com a irrevocabilidade do passado e a finitude humana.
Sua retórica não é sobre o passado, mas sobre valores, família, natureza, terra natal e verdades universais.	Sua retórica é sobre retirar o tempo do tempo e compreender a fuga presente.
Apresenta um pretexto para “melancolias de meia noite”.	Pode apresentar um desafio ético e criativo.

15 A articulação entre passado, presente e futuro ou a constituição mista das três categorias, com um dos elementos dominantes, é chamada nos estudos históricos de *regime de historicidade* (PEREIRA; DA MATTA, 2012, p. 20).



Ligada à memória nacional, baseada numa simplificada versão de identidade nacional.	Ligada à memória social, que consiste de quadros coletivos que marcam, mas não definem a memória individual. Adora detalhes, e não símbolos.
Conhece dois principais esquemas: 1) A restauração das origens; 2) Teoria da conspiração: revela o simples conceito pré-moderno entre o bem e o mal.	Não segue um único padrão, mas explora modos de habitar muitos lugares ao mesmo tempo e imaginar diferentes zonas temporais.
Retorna e reconstrói a terra natal com determinação paranoica.	Teme o retorno com a mesma paixão.

Fonte: Oliveira (2015, p. 105-106), elaborado a partir de Boym (2007)

Embora não seja possível traçar uma linha divisória exata entre os dois tipos de nostalgia esmiuçados por Boym, os comentários aqui postos em destaque, amostras do tom mais recorrente nas páginas, se aproximam da nostalgia do tipo *restaurativa*, pouco questionadora e mais sonhadora de um retorno às origens. “Tempo bom”, período de “sossego e menos violência”, “anos dourados”, todas essas narrativas encerram a ideia primeva do paraíso perdido em algum lugar distante, da “Idade do Ouro” (*Âge d'or*), “o mais antigo e o mais universalmente difundido de todos os mitos” (BOIA, 1998, p. 138, tradução livre), identificáveis, por exemplo, no jardim grego das Hespérides e no Éden cristão. A atualização simbólica dessa era, ainda segundo Boia, desempenha um papel essencial nas sociedades tradicionais. Tal quadro se distingue nas *fan pages*, na medida em que os comentários aludem, mais do que ao passado, a valores – “família, natureza, terra natal e verdade universais”, como cita Boym (2007, p. 14)

Esses discursos pedem a volta de uma era mágica situada na infância e na juventude, já que a sucessão dos ciclos da história humana oferece a mítica promessa de um retorno (*le mythe de l'éternel retour*). É nesse campo do imaginário que se situam comentários do tipo: “Muita maldade terem nos tirado a capital” (página do Rio) e “A Fortaleza Bela<sup>16</sup> e chuvosa dos anos 1980!” (página de Fortaleza). Há nas entrelinhas, portanto, a indicação de prováveis restaurações de um estado anterior, seja o *status* de capital do País (cultura), seja a condição climática (natureza). De modo análogo, a ideia expressa na propalada decadência dos dias atuais, da violência das ruas e dos “mal-

<sup>16</sup> A expressão “Fortaleza Bela” faz referência ao *slogan* da gestão que governou a capital entre 2005 e 2012. Vê-se como a expressão evocava, acima de tudo, uma cidade utópica, já que no cotidiano da mobilidade e dos serviços urbanos brasileiros o aspecto menos aparente é a beleza.





vestidos” (metonímias para a previsão do “fim dos tempos”) segue a linha temporal sugerida na Bíblia, iniciada com o “Gênesis” e findada com o esperado “Apocalipse”.

Todavia, passa despercebido aos comentadores que foi justamente a modernidade, retratada nas fotografias das páginas, a instauradora dessa “dessacralização do mundo”, a partir do momento em que seus efeitos puseram em suspeita os afetos, as paixões e impuseram ideais de vida urbana ordenada e uniforme<sup>17</sup>. Esse “caos” mundano, porém, é atribuído pelos seguidores aos dias correntes, tempo em que se aproxima o fim da era de sofrimento, a volta dos dias gloriosos. Outra leitura possível das narrativas nostálgicas no ambiente *on-line* é situá-las como contraponto ao cansativo chamamento ao novo e à novidade nas telas digitais. “Pela Idade do Ouro, o imaginário conduz sua grande batalha contra o mundo tecnológico em marcha” (BOIA, 1998, p. 143).

Há, obviamente, comentários críticos a essa leitura de mundo. Embora menos recorrentes, eles rechaçam a lamúria, põem em xeque a nostalgia, ao mesmo tempo em que mantêm apreço pelas imagens antigas das comunidades. Usando as palavras de Boym (2007, p.16), eles “atrasam a volta para casa”. Marcando a ocorrência de uma nostalgia *reflexiva*, alguns desses comentários assumem o tom irônico, temerosos que são da volta de um tempo ruim.

Nesse sentido, um comentarista carioca cita categoricamente uma fotografia mostrando aglomeração de pessoas no Centro, no começo do século XX: “[...] uma época que o Rio fedia.... [...] HJ ESTA MUITO MELHOR...”. Na página fortalezense, uma seguidora ri do aspecto da bilheteria de um cinema antigo: “Ainda bem q eu sou da época do via sul [shopping atual de Fortaleza]... 3d kkkkkkkkkkkk”. Em um registro jornalístico de 1952, do jornal *Última Hora*, mostrando a superlotação dos trens da Central do Brasil, no Rio de Janeiro (ver OLIVEIRA, 2015, p.115), enquanto alguns saúdam a “linda e saudosista foto!” ou citam como as pessoas mais simples “eram muito mais elegantes e bonitas que as atuais”, a maioria dos comentários alerta para a realidade da lotação, já vivenciada à época.

*Interagente 1.* Atualmente não uso trem como transporte, mas lembro que na minha infância eles andavam com dezenas de pessoas literalmente penduradas na porta. Sem contar com a demora. Cresci com trauma de trem.

<sup>17</sup> Para uma visão mais aprofundada sobre esse “ordenamento imposto” em terras cariocas, sob o ponto de vista do letramento e da oralidade, ver *Geografia Letrada e a Belle Époque Carioca*, capítulo 3 da tese de doutorado de Ferrão Neto (2010). Ver também Gomes (2008, p. 112-125) para as leituras feitas por Olavo Bilac, Lima Barreto e João do Rio das reformas entendidas por Pereira Passos nos primeiros anos do século XX.





*Interagente 2.* Não mudou nada. Os anos passam, e o desrespeito continua!

*Interagente 3.* Sempre LOTADO, nada mudou!!!

*Interagente 4.* Nesta época os trens anda vão [andavam] lotados !!!rsrsrs

(*FAN PAGE O RIO DE JANEIRO QUE NÃO VIVI*. Comentários dos interagentes, 2014).

Em uma publicação da página de Fortaleza, a editora pergunta na legenda de um *post*: “Quem lembra do Sonho Azul?”, em referência ao trem que ia da capital ao interior. Muitos citam itinerários de viagens, um “tempo bom”, período glorioso do fascínio exercido pelos trens... Um comentário, porém, se destaca pelo conteúdo irônico típico da *cearensidade*: “Andei muito nesse trem. É o novo !!!”<sup>18</sup>.

Voltando a Huyssen (2014, p. 94), é difícil separar a nostalgia meramente lamentadora daquela reivindicadora da construção de “futuros alternativos”. De toda forma, talvez seja próprio apostar que os comentários nostálgicos se configuram em “uma rebelião contra a moderna ideia de tempo, o tempo da história e do progresso” (BOYM, 2007, p. 8, tradução livre). Embora o tempo da modernidade seja o da aceleração, os sujeitos contemporâneos veem no passado um ritmo social mais lento, no qual projetam o anseio arquetípico do paraíso perdido. As súplicas de retornos refletem vidas e vistas cansadas dessa intensificação nervosa, para retomarmos termos de Simmel (1973), da cidade atual, ainda tão tributária dos valores modernos, pois “não há modernidade pura. Nem pós-modernidade absoluta. Há uma ponte: o ‘pós’. O moderno está no pós-moderno por hipérbole” (SILVA, 2012, p. 66).

Maffesoli (2002, p. 172) sustenta que a pós-modernidade imprime “uma nova maneira de viver o tempo social”, com fortes raízes antropológicas, logo podendo “ter o contágio social que já conhecemos”. Essa nova forma de viver o tempo social pode ser visto na *timeline* pessoal do Facebook sob a manifestação do acúmulo estafante de novidades, que se sucedem sem trégua, demandando cada vez mais atenção dos “nervos” dos conectatos. Assim, na pós-modernidade, segundo Maffesoli (2002, p. 179), em um “nicho tranquilizador de um ambiente rítmico”, “vamos poder assistir à eclosão de uma multiplicidade de temporalidades próprias”.

<sup>18</sup> A expressão é muito comum no Ceará. Para brincar em relação a algo muito antigo, o cearense grita, em tom jocoso de desprezo: “é o noooovo!”. Da mesma forma, para dizer que alguém é ou fez algo de grande relevância, dizemos: “é o fraaaaco!”. Diante de uma coisa que não funciona, pode-se ouvir: “é o boooom!”. E por aí segue o jogo de dizer o contrário do que se diz.





O filósofo Hermann Lübbe sustenta, segundo Pereira e Da Mata (2012, p. 18), que “a aceleração civilizacional não pode deixar de ocorrer sem suscitar a sua antítese: processos de desaceleração<sup>19</sup> (*Verlangsamungsvorgänge*) e todo tipo de zona de exclusão como o são o clássico, a tradição, o rito, o trauma”. Nas comunidades virtuais sobre memórias de cidade, os sujeitos comentadores se veem, portanto, em contato com essas temporalidades múltiplas e imbricadas, em que se encontram e confrontam as três *estases* do tempo. Ao visualizar, curtir e comentar imagens antigas, adentram, assim, uma zona de exclusão grupal situada em outra mais abrangente: a nostalgia.

### Considerações finais

Conforme exposto, as narrativas de saudade na *web* permitem em princípio entrever lógicas contraditórias, pois são descritas por sujeitos que se submetem ao fragmento das *timelines* (linhas do tempo) incessantes e inebriantes de tais redes. O amontoado de conteúdos se sucede em um sem-fim de atualizações – e as fotografias em preto e branco das cidades contrastam em meio ao novo e à novidade.

As imagens do passado se apresentam, assim, em um ambiente de oscilação contínua entre “nostalgia e consumo bulímico da realidade” (AUGÉ, 2010, p. 8). Nas telas digitais, o comportamento é, em essência, o do *coleccionador às avessas* (SARLO, 2012, p. 39), o sujeito que consome muito mais atos de compra e venda do que propriamente produtos, pois “sabe que os objetos que adquire desvalorizam-se assim que ele os agarra”. Em sentido análogo, comenta Bauman (2008, p. 126) sobre a sociedade consumista “líquido-moderna”:

A vida do consumidor, a vida de consumo, não se refere à aquisição e posse. Tampouco tem a ver com se livrar do que foi adquirido anteontem e exibido com orgulho no dia seguinte. Refere-se, em vez disso, principalmente e acima de tudo, a *estar em movimento* (BAUMAN, 2008, p. 126, grifo do autor).

O consumo de imagens antigas nas páginas estudadas se dá, portanto, num espaço ambíguo entre o contato sôfrego da novidade infinda e acumulada e a temporalidade passada convidativa ao sossego. No Facebook, a retórica “presentista” é contestada no culto ao antigo, abrindo margem para a formação de *rugosidades*, no sentido que SANTOS (2008) dá ao termo. A manifestação principal desse ato de

<sup>19</sup> No ciberespaço, por exemplo, ao movimento de *fear of missing out (FoMo)* contrapõe-se o *joy of missing out (JoMo)*, expressa pela boa sensação emanada do estar *off-line*, de “perder” todas as atualizações da *timeline*.



consumo é a nostalgia, compartilhada na sociabilidade mediada pelas telas digitais. Sobressalta desse atrito um ressentimento com a racionalização e o desencantamento do mundo contemporâneo. Tal processo é potencializado pela retórica do *site* de rede social, ferramenta que os mesmos sujeitos nostálgicos utilizam para compartilhar experiências do presente, retroalimentando contraditoriamente esse sentimento de “excesso de presente”.

“Você não viveu os anos 70 e 80 para saber como funcionava na pele a sociedade. Não tinha internet”, comenta um seguidor de Fortaleza. “Sem celulares, nem tablets”, anota uma seguidora empolgada com os anos dourados carioca. “Naquele tempo... Naquele tempo...”, repetem-se os comentaristas. “Hoje já não é mais possível”, entristece outra.

Revisitar o passado ativa, primordialmente, o segmento doído da nostalgia, - *algia*. Os discursos remetem a temporalidades múltiplas, jogam com as três estases do tempo. Nessa experiência, os sujeitos conectados se revelam encharcados dos valores modernos da tradição e da autenticidade, transfigurados em forma de hipérbole na contemporaneidade, pois a “*síndrome consumista*”, ensina Bauman (2008, p. 111, grifos do autor), diz respeito a valores como “*velocidade, excesso e desperdício*”.

Nas *fan pages*, a modernidade retratada nas imagens é um “tempo que não passa”. Os sujeitos contemporâneos seguem a repetir, assim, uma cantilena de saudades pueris dignas dos críticos do começo da modernidade, ainda do século XIX, e dos velhos cronistas de jornais, ao longo do século XX. Brota daí a “estrutura de sentimento” (WILLIAMS, 1979, p. 130-137) de uma nostalgia primordialmente restaurativa (BOYM, 2007), uma ânsia pueril de retorno a um lar transcendente.

O desejo do aurático e do autêntico sempre refletiu o medo da inautenticidade, a falta de significado existencial e ausência de originalidade individual. Quanto mais aprendemos a compreender todas as imagens, palavras e sons como já sendo sempre mediados, mais parecemos desejar o autêntico e o imediato (HUYSEN, 2014, p. 97).

Nessas comunidades, portanto, *nunca fomos tão modernos*<sup>20</sup>. Já que a espacialidade do *on-line* chama sempre o novo, seriam as telas dos comentários nostálgicos elas próprias *rugosidades* espaço-temporais? Não apenas as construções e paisagens antigas evocadas pelas fotografias, mas também os textos registrados pelos comentaristas – inscrições nas próprias imagens, por consequência – são também

<sup>20</sup> Referência a LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.

“acúmulos desiguais de tempos” (SANTOS, 2008, p. 173), uma vez que os relatos e os imaginários evocados por eles também passam a compor a paisagem da cidade.

As rugosidades são o espaço construído, *o tempo histórico que se transformou em paisagem*, incorporando ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados (SANTOS, 2008, p. 173, grifo nosso).

A pesquisa apontou, dessa forma, para caminhos mais largos na direção dos significados, no que diz respeito aos *media*, dos “processos de desaceleração”, citados pelo filósofo Hermann Lubbe. Muitos conectados reservam a quinta-feira para o dia de lembrar no Facebook um registro antigo. É a mesma rede social que nos avisa constantemente de nossas lembranças em exatos um, dois ou três anos. Ou seja, não apenas no que concerne às comunidades virtuais de fotografias antigas, o questionamento maior diz respeito ao modo como as práticas de consumo e sociabilidade relacionadas à nostalgia no ciberespaço configurar-se-iam em zonas de “resistência temporal” frente a uma sensação de superaceleração na contemporaneidade. “Ainda somos os mesmos” e parece que sentimos a dor do tempo “como nossos pais”. Afinal, como ensina Riobaldo no clássico de Rosa (2006, p. 40): “Moço: toda saudade é uma espécie de velhice”. São essas algumas das veredas maiores de um grande sertão nostálgico ainda possível de ser desvelado.

### Referências

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da modernidade**. São Paulo, Maceió: UNESP, EdFal, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOIA, Lucian. **Pour une historie de l'imaginaire**. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

BOYM, Svetlana. Nostalgia and Its Discontents. **The Hedgehog Review**. Institute for Advanced Studies in Culture. University of Virginia. 2007, vol. 9, n. 2, The uses of the past, p. 7-18. Disponível em: <[http://www.iasc-culture.org/eNews/2007\\_10/9.2CBoym.pdf](http://www.iasc-culture.org/eNews/2007_10/9.2CBoym.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2016.

CHARTIER, Roger. Escrita e memória: o *librillo* de Cardênio. In: **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 49-81.

FARGE, Arlette. **Le bracelet de parchemin**: l'écrit sur soi au XVIIIe. siècle. Paris: Bayard, 2003.

FERRÃO NETO, José Cardoso. **Mídia, oralidade e letramento no Brasil**: vestígios de um mundo dado a ler. 2010. 304 f. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

\_\_\_\_\_. A nostalgia das ruínas. In: **Culturas do passado-presente**: modernidade, artes visuais, políticas de memória. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014, p. 91-114.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo pós-moderno. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

\_\_\_\_\_. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Culturix, 2007.

OLIVEIRA, Thiago Mendes de. **Memória e cidade sensível**: Fortaleza e Rio em comentários no Facebook. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2007, vol. 27, n. 53, p. 11-23. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; DA MATA, Sérgio. Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente. In: VARELLA, Flávia Florentino (Org.)... [et al]. **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 9-30.

RABELLO, Rafaella Prata. **A Juiz de Fora que habita na memória**: uma cartografia sentimental da cidade. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

RICOEUR, Paul. **Del texto a la acción**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.





SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Zahar: Rio de Janeiro, 1979.

